



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
LETRAS-LIBRAS

MAYSA SORAYA PEREIRA DE BARROS

ESCRITA EM LÍNGUA PORTUGUESA DA PESSOA SURDA:
Um estudo bibliográfico

MACEIÓ

2023

MAYSA SORAYA PEREIRA DE BARROS

ESCRITA EM LÍNGUA PORTUGUESA DA PESSOA SURDA:

Um estudo bibliográfico

Trabalho do Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para a obtenção de Licenciado em Letras, sob a orientação da Prof. Ma.: Joseane dos Santos Espírito Santo.

MACEIÓ
2023

**Catálogo na Fonte Universidade
Federal de Alagoas Biblioteca
Central
Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

B277e Barros, Maysa Soraya Pereira de.

Escrita em língua portuguesa da pessoa surda : um estudo bibliográfico /
Maysa Soraya Pereira de Barros. – 2023.

22 f. : il.

Orientadora: Joseane dos Santos Espírito Santo.

Monografia (Trabalho de conclusão de curso em Letras – Libras) –
Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Maceió, 2023.

Bibliografia: f. 20-22.

1. Linguagem escrita - Surdos. 2. Alfabetização - Surdos. 3. Língua
portuguesa para surdos. I. Título.

CDU: 821.134.3(81)-056.263

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus que me deu força, pois muitas vezes pensei em desistir, porque passei por momentos difíceis por causa pandemia além de cuidar dos meus 3 filhos e não conseguir tempo para estudar para escrever este TCC. Mas Deus me deu forças, e com a ajuda Dele, consegui estudar e terminar, pois Ele não me deixou desisti de continuar estudando, pois a conclusão deste trabalho era um sonho da minha vida.

A minha família, meus pais ILDACIR E JOSE SALES, e minhas irmãs MONALYZA E SABRINA, que me estimularam e me fizeram sorrir, sempre me dando forças por saberem que meu sonho era terminar a faculdade, e mesmo em momentos difíceis, nunca deixaram de acreditar em mim, pois sempre me apoiaram, para que eu pudesse ter um futuro melhor e para eu nunca desistir dos meus sonhos.

Ao meu marido Davi, e meus filhos João Lukas, Emanuelle e Ana Julia, que sempre me deram forças, foram meu consolo, e nunca deixaram de acreditar que eu iria conseguir seguir em frente. Minha filha Emanuelle falou quer eu ser professora de ensino Fundamental para ensinar Libras, assim como eu decidi seguir.

A minha orientadora Joseane dos Santos Espírito Santo, que conduziu o trabalho com paciência e dedicação, sempre disponível a compartilhar todo vasto conhecimento, mas a distância nos atrapalhou um pouco, mesmo assim não vou perder a oportunidade de homenagear, pois ela teve um impacto direito na realização desse trabalho.

A minha nova colega Lívia Ribeiro da Silva, por auxiliar na correção do meu TCC, que a todo momento esteve preocupada e disponível, apoiando, aconselhando e compartilhando conhecimentos, que ajudaram a concluir meu TCC, sendo assim, sou imensamente grata a Deus por ter posto esta pessoa maravilhosa na minha vida.

RESUMO

Com base na concepção discursiva de língua (BAKHTIN, 2003), o objetivo no ensino da Língua Portuguesa para alunos surdos, como para os alunos ouvintes, deve ser a habilidade de produzir textos e não palavras e frases. Surge então a importância de se trabalhar muito bem o texto, inicialmente na Língua Brasileira de Sinais. A criança surda precisa aprender as duas línguas para se alfabetizar. Primeiramente, precisa aprender sua língua natural, a língua de sinais, e aprender a Língua Portuguesa na modalidade escrita, para poder interagir e se incluir no mundo letrado (BRASIL,2005). Nas produções escritas por surdos, observa-se que os alunos surdos não demonstram um bom conhecimento linguístico ao reproduzir a Língua Portuguesa, evidenciando muitas dificuldades. É importante obter um pouco conhecimento dessa língua, para que possa viver em uma sociedade que em maioria é ouvinte. Devido a perda auditiva e, algumas vezes também visual, os surdos têm pouco acesso ao mundo em que vivem, para isso é necessário que os alunos surdos leiam muito bem em Português. Neste trabalho, abordaremos as atuais pesquisas sobre a escrita da criança surda, analisando alguns problemas enfrentados pelos discentes e pelas escolas que os mesmos frequentam, e as práticas de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa na modalidade escrita. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica, analisando as atuais pesquisas sobre o tema e as implicações que elas produzem. Utilizou-se a abordagem qualitativa (LUDKE; ANDRÉ, 1986), com leituras bibliográficas como procedimento para a coleta de dados. Desta forma, pretende-se com esse trabalho, abordar os estudos sobre as crianças surdas, visando melhorar a qualidade de vida delas, através de um conhecimento, ao menos básico, na leitura da Língua Portuguesa desde o ensino fundamental, podendo assim superar a exclusão que os surdos enfrentam ao interagir com pessoas ouvintes.

Palavras-chaves: Escrita para surdos, alfabetizar surdos, Língua Portuguesa para surdos.

ABSTRACT

Based on the discursive conception of language (BAKHTIN, 2003), the objective in teaching Portuguese to deaf students, as well as to hearing students, should be the ability to produce texts and not words and sentences. Then comes the importance of working the text very well, initially in the Brazilian Sign Language. The deaf child needs to learn both languages to become literate. First, they need to learn their natural language, sign language, and learn Portuguese in written form, in order to be able to interact and include themselves in the literate world (BRASIL, 2005). In productions written by deaf people, it is observed that deaf students do not demonstrate a good linguistic knowledge when reproducing the Portuguese language showing many difficulties. It is important to gain a little knowledge of this language, so that you can live in a society that is mostly hearing people. Due to hearing and sometimes also visual loss, deaf people have little access to the world they live in, for which it is necessary for deaf students to read Portuguese very well. In this work, we will address current research on deaf children's writing, analyzing some problems faced by students and the schools they attend, and the teaching and learning practices of the Portuguese language in the written modality. A bibliographical research was carried out, analyzing the current research on the subject and the implications that they produce. A qualitative approach was used (LUDKE; ANDRÉ, 1986), with bibliographical readings as a procedure for data collection. In this way, the aim of this work is to address studies on deaf children, aiming to improve their quality of life, through knowledge, at least basic, in reading the Portuguese language since elementary school, thus being able to overcome exclusion that deaf people face when interacting with hearing people.

Keywords: Writing for the deaf, literacy for the deaf, Portuguese for the deaf.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. APRENDIZAGEM DE UMA LÍNGUA PELA PESSOA SURDA.....	8
2.1. Dificuldades enfrentadas.....	8
2.2. Português como L2 para surdos.....	10
2.3. A família na educação do surdo.....	11
3. O PAPEL DAS ESCOLAS.....	13
4. METODOLOGIA.....	14
4.1. Instrumentos	15
4.2. Procedimento de coleta de dados.....	16
4.2.1. Análise de dados.....	17
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	18
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	20

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso investigou quais as barreiras existentes no processo de ensino e aprendizagem de segunda língua (L2) para alunos surdos nos anos iniciais do Ensino Fundamental, pois essa parte inicial da educação, pois constitui-se como etapa escolar da educação básica bastante importante. É nesse período que o desenvolvimento da linguagem está em seu momento mais promissor. Além disso, essa etapa do ensino fundamental tem a responsabilidade de ser a ponte que liga as crianças ao mundo em que elas vivem, compreendendo o ambiente ao seu redor, desenvolvendo a comunicação, construindo a identidade pessoal e muito mais. Para a criança surda é crucial ter um ambiente escolar bilíngue (Libras-português) adequado para seu desenvolvimento integral, conforme apontam os estudos de Quadros (1997, 2004, 2017), Quadros e Schmiedt (2006), Pereira (2014), Neves (2017) entre outros.

Com base na concepção discursiva de língua (BAKHTIN, 2003), o objetivo no ensino da Língua Portuguesa (LP) para os alunos surdos, como para os alunos ouvintes, deve se a habilidade de produzir textos e não palavras e frases, daí a importância de se trabalhar muito bem o texto, inicialmente na Língua Brasileira de Sinais.

O presente estudo tem como base algumas reflexões, quanto ao ensino e aprendizagem da L2 para surdos de acordo com algumas pesquisas já realizadas. Pondera-se que é proveniente da falta de interação pedagógica entre alunos surdos e professores ouvintes; a ausência de professores surdos como referência linguística e cultural e a falta da língua de sinais como língua de instrução em sala de aula (QUADROS; SCHMIEDT, 2006); o uso de materiais que não são atrativos para os surdos em suas situações comunicativas (WELTER, VIDOR E CRUZ, 2015); a aquisição tardia da língua de sinais e ainda, a falta de apoio e motivação por parte da família no uso das duas línguas (Libras e Português) conforme Silva (2015).

As discussões acerca do ensino e aprendizagem de alunos surdos sempre foram alvo de debates por parte de pesquisadores da área. A década de 1990 inaugura essas discussões, já aguçadas no que diz respeito aos alunos surdos. Nessa década foram iniciados debates sobre a educação de surdos, o bilinguismo, a Língua Brasileira de Sinais e a cultura surda. Tiveram como protagonistas destes movimentos os próprios surdos, familiares e professores engajados em causas inclusivas e outros grupos que buscavam espaço social. Com efeito, estas manifestações conclamavam também por uma Lei que ratificasse e assegurasse o direito de inclusão do aluno surdo em escolas. A LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em seu capítulo V, artigo 60-A do decreto Lei nº 9.394/1996 postula que, “§ 2º A oferta de educação bilíngue de surdos terá início ao zero ano, na educação infantil, e se estenderá ao longo da vida.” (LDB, 2021). Portanto, para efeito de cumprimento dessa Lei, as escolas de ensino regular, estão obrigadas a receberem matrícula de alunos com deficiência, seja motora, visual, auditiva ou qualquer outra.

A sala de aula onde a Libras é a língua de instrução e interlocução, configura-se como um ambiente propício e de maior viabilidade para um ensino que possibilite às crianças surdas uma aprendizagem em equidade aos ouvintes. Garantindo-se, desse modo, o direito

dos surdos a processos educacionais desenvolvidos por meio de uma língua que lhes é acessível, a Libras, torna-se então possível pensar em metodologias propícias para o ensino da leitura e escrita da língua portuguesa.

Como descreve Souza (2021), partir da Lei nº 10.436, de 2002, a Libras foi reconhecida como meio legal de comunicação e expressão, mas apenas a partir do Decreto nº 5.626 de 2005, que a lei foi regulamentada. A presente lei tem como principal objetivo o reconhecimento da Libras como forma de garantia do direito à educação aos surdos. Ficando assegurado, a partir da lei, a inclusão da Libras como disciplina curricular obrigatória:

§ 1º Todos os cursos de licenciatura, nas diferentes áreas do conhecimento, o curso normal de nível médio, o curso normal superior, o curso de Pedagogia e o curso de Educação Especial são considerados cursos de formação de professores e profissionais da educação para o exercício do magistério (DECRETO Nº 5.626, DE 22 DE DEZEMBRO DE 2005. Capítulo II, Art 3º).

No entanto, não há efetividade do ensino da Libras como primeira língua e conseqüentemente põe em risco o aprendizado da língua portuguesa, pois não há uma língua sólida para servir de base linguística para contrastar com a segunda língua, a qual não é natural aos surdos.

Tal fato pode ocorrer principalmente por estar presente na sala de aula tanto o aluno surdo como o ouvinte, logo o professor irá seguir uma metodologia que contemplará a maioria, que no caso é os alunos ouvintes. Para o surdo, a linguagem escrita é fundamental, pode ser considerada como basicamente o meio de interação e comunicação social com a grande maioria das pessoas, visto que a língua de sinais ainda é pouco difundida e reconhecida pelos ouvintes como uma língua natural, apesar de toda legislação existente atualmente. Sobre isso, percebe-se que:

Em relação à inclusão de alunos surdos em classes regulares de ensino, observa-se que as metodologias e práticas pedagógicas utilizadas priorizam a comunidade ouvinte, deixando de reconhecer e atender as especificidades daqueles alunos. Essa realidade é evidente desde o processo de aquisição de língua do aluno surdo que, muitas vezes, por ser filho de pais ouvintes, não adquire a Libras na primeira infância e nem a língua portuguesa escrita, com status de L2, de forma adequada (CRUZ; MEIRELES, 2018).

Diante desse quadro, concorda-se com Oliveira (2019) quando afirma que o surdo que não tem conhecimento pleno do português escrito, torna-se um indivíduo menos independente e menos protegido no que concerne aos seus direitos perante a lei, que se sustentam pela escrita. A dificuldade que apresenta o aluno surdo em aprender a Língua Portuguesa escrita não constitui uma incapacidade ou retardo, ela se dá em razão da falta de oportunidade de aquisição da língua de sinais como língua natural, visto que, as relações cognitivas que são fundamentais para o desenvolvimento escolar estão diretamente relacionadas à capacidade da criança em organizar suas ideias e pensamentos por meio de

uma língua na interação com os demais colegas e adultos, essa língua de interação seria a língua de sinais (OLIVEIRA, 2019).

Quadros e Schmiedt (2006, p. 23) expõe:

O ensino do português pressupõe a aquisição da língua de sinais brasileira – “a” língua da criança surda. A língua de sinais também apresenta um papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem do português. A ideia não é simplesmente uma transferência de conhecimentos da primeira língua para a segunda língua, mas sim um processo paralelo de aquisição e aprendizagem em que cada língua apresenta seus papéis e valores sociais representados.

Neste sentido, as características orais e estruturais da Língua Portuguesa torna-se uma barreira de aprendizagem a partir do momento em que não se considera a língua de sinais no processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa. É importante destacar que ao considerar as duas línguas no processo de ensino e aprendizagem das crianças surdas, a Língua Portuguesa possui caráter de segunda língua pelo fato de não ser naturalmente adquirida a partir da exposição cotidiana decorrente da sua característica oral-auditiva. A Língua Brasileira de Sinais possui característica visual-espacial ou seja, na elaboração das línguas de sinais precisamos olhar os movimentos que o emissor realiza para entendermos sua mensagem (RÚBIO; QUEIROZ, 2014). Desta forma, torna-se necessário às crianças surdas aprender ambas as línguas respeitando suas características de cognição.

No entanto, a aprendizagem de uma outra língua é cheia de desafios. Sendo assim, na próxima sessão, abordaremos quais as dificuldades enfrentadas no processo de ensino-aprendizagem, conforme os estudos atuais e as implicações na pessoa surda.

2. APRENDIZAGEM DE UMA LÍNGUA PELA PESSOA SURDA

2.1. As dificuldades enfrentadas

Vários estudos em educação para pessoas surdas têm demonstrado que, mesmo após a escolarização, e mesmo após graduação, as pessoas surdas ainda possuem dificuldades no aprendizado da leitura e da escrita tanto do Português, como da Libras, o que gera questionamentos em relação às metodologias empregadas, formação dos profissionais envolvidos e principalmente a questão da língua de instrução para tais alunos surdos (SILVA, 2021).

Segundo Capovilla (2002), para descobrir o porquê de pesquisadores do Centro de Comunicação Total de Copenhague, na década de 70 começaram a desenvolver uma série de pesquisas, que visavam observar as conversações entre surdos em língua de sinais e por outro

lado observava as professoras do centro enquanto davam aula aos seus alunos, falando e sinalizando ao mesmo tempo. De forma que, a primeira pesquisa permitiu a descoberta de regras fonológicas, morfológicas e sintáticas da língua de sinais dinamarquesa, a segunda linha de pesquisa permitiu uma descoberta desconcertante.

Nas aulas em que se oralizava e sinalizava ao mesmo tempo não produziam a melhora esperada na aquisição da leitura e escrita, desta forma, pesquisadores decidiram registrar as aulas do ponto de vista de um aluno surdo, e então discutir com as professoras o que poderia estar acontecendo. Para tanto, eles filmaram as aulas ministradas pelas professoras, em que elas sinalizavam e oralizavam ao mesmo tempo.

Feito isto, colocaram as professoras para assistir os vídeos sem o som, e para a surpresa geral foi descoberto então que, quando estavam impossibilitadas de ouvir a fala que acompanhava a sinalização, as professoras exibiam uma grande dificuldade em entender o que elas próprias haviam sinalizado. Desta maneira, perceberam que, quando sinalizavam e falavam ao mesmo tempo, elas costumavam omitir sinais e pistas gramaticais que eram essenciais à compreensão das comunicações.

A conclusão do estudo citado, foi que, durante todo o tempo, as crianças não estavam obtendo uma versão visual da língua falada na sala de aula, mas sim uma amostra linguística incompleta e inconsistente, comprometendo a compreensão dos alunos e como consequência as crianças estavam se tornando “hemilíngues”, sem conseguir obter pleno entendimento a qualquer uma das línguas e sem conhecer os limites entre uma e outra.

Estes fatos conscientizaram professoras e pesquisadores da época, a necessidade da descontinuidade entre a fala e o sinal, marcando o surgimento da abordagem do bilinguismo, que propôs essencialmente remover a fala, e concentrar-se no sinal, uma língua de sinais natural, tal como empregada pela comunidade dos surdos sinalizadores. Com a comunicação total os sinais haviam sido admitidos à escola para auxiliar a aquisição das línguas faladas e escritas, e não como uma língua em seu próprio direito (CAMPOVILLA, 2002).

No entanto, para Bisol et. al. a outra controvérsia, pois:

O sucesso alcançado pela abordagem bilíngue no desenvolvimento de competências linguísticas e comunicativas, mediante a aquisição espontânea da linguagem, e na construção da identidade como pessoa surda parece não se repetir na aprendizagem da escrita. Uma outra questão, relacionada a essa, diz respeito à capacidade das escolas de proporcionar aos surdos a construção do conhecimento em patamares semelhantes aos dos ouvintes (BISOL et. al., 2010, p. 151).

Para muitos alunos surdos, a dificuldade em ler e escrever terminam por desviar a energia e a atenção (e diminuindo o prazer) da construção de conhecimentos nas áreas da matemática, história, geografia, ciências etc (VIROLE, 2005). Desta forma, a tendência é direcionar a aprendizagem àquilo que tenha aplicabilidade no dia a dia, com o intuito de proporcionar um nível razoável de compreensão do que está ao seu redor, e o desenvolvimento de habilidades sociais e profissionais. Entretanto, muitas instituições optam

por dar mais ênfase à socialização do que à aquisição de conhecimentos formais e ao desenvolvimento de competências lógico-matemáticas, à cultura geral e à leitura (VIROLE, 2005).

Estudos atuais revelam como caminhos que proporcionam práticas de ensino-aprendizagem que contemplam a realidade dos surdos. A seguir, abordaremos algumas reflexões sobre o ensino de LP como L2 para surdos.

2.2. Português como L2 para surdos

Deve ser considerado que o surdo tem como sua língua natural a Libras e deve escrever em LP, sua segunda língua (BRASIL, 5.626/05). Desta forma há necessidade de um aprendizado nas duas línguas de modalidades e aprendizagens diferentes. Nessa diversidade linguística, o professor de LP encara o desafio de ensinar os gêneros escritos aos estudantes surdos. Nesse contexto, ensinar a língua escrita para os Surdos muitas vezes se torna uma dificuldade para os professores de LP.

Todavia, a escolarização dos alunos surdos é deficiente, não lhes possibilitando uma educação de qualidade, onde muitos deles, infelizmente, encontraram dificuldade em realizar uma prova, perfazendo nota muito inferior ao esperado (MORAIS, 2019).

Assim como Cruz e Meireles afirmam que:

Com relação ao nível de desenvolvimento da LP escrita, nossa experiência mostra que os alunos atingem a graduação com sérias limitações linguísticas, não atendidas nos anos anteriores, pois o nível de conhecimento e de fluência da LP é visivelmente aquém do desejável para um graduando, sem considerar que recebemos alunos cuja aquisição e conhecimento de L1 (Libras) também são limitados. Essa limitação de aprendizagem pode estar associada a várias causas, dentre as quais podemos elencar a formação do professor (inicial ou continuada), o uso de estratégias e metodologias inadequadas à demanda do aprendiz surdo e a limitada competência linguística do aprendiz, que, normalmente, encontrasse em nível de “interlíngua”, ou seja, estágio de aprendizado da língua que não representa a L1, no caso, a Libras, e também não representa o conhecimento da L2, a Língua Portuguesa escrita (CRUZ; MEIRELES.2018, p. 191).

No capítulo IV, do Decreto 5.626/05, que trata “Do uso e da difusão da Libras e da Língua Portuguesa para o acesso das pessoas surdas à educação”, fica estabelecido que o ensino da modalidade escrita da Língua Portuguesa deve ser ministrado como segunda língua para pessoas surdas, com adoção de “mecanismos de avaliação coerentes com aprendizado de

segunda língua, na correção das provas escritas, valorizando o aspecto semântico e reconhecendo a singularidade linguística manifestada no aspecto formal da Língua Portuguesa” (BRASIL, 2005).

Entretanto, é necessário considerar que ainda falta, em algumas instituições a conscientização dos professores ouvintes, sobre o uso social da língua em determinados contextos e situações de forma que o aprendizado e a absorção do conteúdo transmitido, seja mais eficaz. Logo, as afirmações baseadas nas leis mencionadas anteriormente sobre ensino, na perspectiva dialógica, funcional e instrumental, fazem sentido apenas, se o professor pensar na escolha dos gêneros textuais adequados para abordar os conteúdos de forma plena.

A escola é um dos espaços de aprendizagem de uma língua na modalidade oral e escrita. Além dessa instituição, a família tem uma contribuição fundamental no processo da criança. A seguir, trataremos a relação família versus educação dos surdos.

2.3. A família na educação do surdo

As dificuldades em assimilar uma língua se dão por vários motivos, um deles, que podemos destacar neste estudo, é o ambiente familiar. Muitas vezes, há alunos surdos filhos de pais ouvintes que não são usuários da Libras. O único contato desse aluno com a sua língua será no ambiente escolar, ao passo que muitos deles chegam à escola sem nenhuma língua constituída (PEREIRA, 2014). Geralmente são induzidas a entender leitura labial e gestos. Assim, crianças surdas chegam à escola com quase nada de entendimento do Português. Por não terem acesso à linguagem oral, as crianças surdas são privadas de situações que as crianças ouvintes vivenciam diariamente, pela aquisição inicial do conhecimento, tais como conversas com a família e contação de história, entre outros.

Desta forma, não há garantia do ensino da Libras como primeira língua e conseqüentemente põe em risco o aprendizado da Língua Portuguesa, pois não há uma língua sólida para servir de base linguística para contrastar com a Língua Portuguesa, a qual não é natural aos surdos. De acordo com Pereira (2014, p. 147):

[...] a maior parte das crianças surdas nascem em famílias ouvintes que não usam a língua de sinais, logo é comum que cheguem à escola com alguma forma de linguagem, criada na interação familiar. No entanto, chegam sem uma língua adquirida, uma vez que a Língua Portuguesa, na modalidade oral, usada pela família, lhes é inacessível e a Língua Brasileira de Sinais, que lhes é acessível, é desconhecida pela família.

Logo, podemos afirmar, que a maioria dos aprendizes surdos é oriundo de famílias ouvintes, que, normalmente, não interagem com o sujeito surdo, em virtude das especificidades de aquisição de línguas, pois o sujeito ouvinte utiliza em suas relações, predominantemente, a comunicação oral-auditiva, diferentemente da comunicação da comunidade surda, realizada por uma língua gesto-visual. Essa diferença linguística implica a

marginalização do sujeito surdo, muitas vezes, no seu próprio ambiente familiar, deixando-o alheio à convivência social e ao compartilhamento de experiências sociais e culturais.

Ainda, temos a problemática do olhar da sociedade para com a deficiência continua atrelada ao passado, trazendo uma carga de estigmas e preconceitos que há anos vem sendo refutada. Infelizmente, em muitos casos a discriminação e a marginalização ainda ocorrem, tendo como a deficiência auditiva, algo que torna o surdo, ser frágil, incapaz e dependente, essa realidade está presente nas famílias também, logo se a pessoa com deficiência encontra dificuldades no meio familiar ela se sente insegura para encarar a sociedade (MIRANDA, 2019).

Assim, entende-se que é fundamental que as famílias de crianças surdas, utilizem a Libras como comunicação com seus filhos, assim como ocorre nas famílias ouvintes. Com as crianças que nascem ouvintes que se utilizam da língua oral, os pais garantem a comunicação com seu filho e oportunizam um ambiente linguístico favorável à comunicação e à interação.

Quadros e Schmiedt, (2006, p. 20), falam que “as crianças com acesso à língua de sinais desde muito cedo, desfrutam da possibilidade de adentrar o mundo da linguagem com todas as suas nuances”. De acordo com Morais (2019), a criança que nasce na família de pais surdos, tem mais probabilidade de adquirir a Libras na fase de aquisição de língua adequada, constituindo o surdo como sujeito.

Desse modo, a família se torna tão importante quanto a escola para que o desenvolvimento do indivíduo com deficiência seja dado de uma maneira segura e confiante, acolhendo essas crianças e ensinando acerca de seus direitos e deveres, para que no futuro elas sejam capazes de se posicionar e lutar por seu lugar na sociedade. Quando a família se torna parte da luta, ela passa a cobrar da escola um posicionamento, essa iniciativa é crucial para diminuir as barreiras enfrentadas nas escolas.

As escolas exercem o papel fundamental de ensino de línguas tanto para a criança surda, como para a ouvinte. A próxima sessão tratará do papel da escola e sua influência na educação das crianças surdas.

3. O PAPEL DAS ESCOLAS

Jovens que estudaram em escola bilíngue tendem a se identificar profundamente com a comunidade e a cultura surdas. Isso ocorre porque o bilinguismo não se restringe à dimensão pedagógica, mas deve ser visto também em sua dimensão política, como construção histórica, cultural e social, e no âmbito das relações de poder e conhecimento (SKLIAR, 1999).

Gesueli (2006) fala da importância do contato das crianças surdas com a língua de sinais e com professores surdos. Para ele, essa convivência possibilita que, desde muito cedo, essas crianças estabeleçam uma relação de pertencimento à comunidade surda, sem que isso implique uma visão de si mesmas como deficientes: “Temos observado, então, que o reconhecimento de sua condição surda começa a aparecer em crianças na idade de 5-6 anos. Antes do contato com o surdo adulto esse reconhecimento se dava tardiamente ou nem chegava a acontecer” (Gesueli, 2006, p. 286).

De forma que, para Bisol (2010) isso representaria um avanço fundamentado em termos políticos, sociais ou psicológicos, compreendidos aqui o desenvolvimento cognitivo e

a constituição da subjetividade, que só é possível com o ingresso da criança no processo dialógico propiciado por uma língua compartilhada.

Para que haja uma aprendizagem eficiente, no que se refere à estrutura escolar de ensino a crianças com surdez é preciso avaliar se os professores ouvintes têm competência suficiente na língua de sinais e se os professores surdos participam efetivamente do cotidiano das instituições.

A intervenção pedagógica requer, além da compreensão sobre o processo de conhecimento e do domínio do conteúdo específico a ser ensinado, fluência na língua comum compartilhada, no caso a Libras, o que nem sempre é conseguido por um falante. Ao mesmo tempo, os professores e instrutores surdos muitas vezes ocupam papéis periféricos nas decisões acerca dos conteúdos curriculares.

Todas essas possíveis dificuldades devem ser consideradas para entender os desafios que os jovens surdos enfrentam para se adaptar às exigências do mundo acadêmico. Contudo, o número crescente dos que ingressam na universidade já é um indicador de que houve progressos no ensino voltado às crianças e aos adolescentes surdos e de que a educação bilíngue teve efeitos positivos.

Para melhor compreensão deste processo, citamos aqui uma pesquisa feita pela professora Angela Lemos de Oliveira, da Universidade Federal do Sul da Bahia – UFSB, onde ela visitou alunos surdos do Colégio Estadual Professor Horácio de Matos, situado à Rua Dois de Julho, s/n, centro, por haver neste um maior número de alunos surdos em sala de aula – sete no total, distribuídos em: quatro na turma de EJA II estágio 5, dois em EJA III Áreas 1 e 2 e um em EJA III Área 3, para que fosse realizada a obtenção de dados sobre a evolução da escrita dos alunos matriculados na escola acima citada. Na pesquisa foi solicitado aos alunos que escrevessem uma frase da seguinte forma:

A partir da exposição de uma gravura em que mostrava um menino negro com semblante assustado, com uma arma de brinquedo em mãos e por trás dele uma sobra de um homem nas cores da bandeira do Brasil com uma comunidade favelada como fundo” (OLIVEIRA, 2019, p. 598).

Após a construção de uma tabela com a escrita do surdo e da “tradução” para o português, foi possível constatar que:

Em todos os textos analisados, foi possível observar que as interferências da estrutura da língua de sinais brasileira na escrita em língua portuguesa estão muito presentes, devido às diferenças existentes entre ambos os códigos linguísticos e, como já abordado, tal situação não se trata de uma deficiência cognitiva, mas de uma transposição da língua de sinais, que é a língua materna do sujeito surdo (OLIVEIRA, 2019, p. 599).

Estas produções escritas, apesar de serem frases curtas, apresentam problemas ortográficos como: não há concordâncias dos verbos, ordem corretas de sujeitos, substantivos e adjetivos, falta pontuações e preposições, no entanto essas características se repetem em todos os textos e expressam a dificuldade dos alunos no momento da produção textual.

A presença desses aspectos contribuiria para um entendimento mais preciso dos textos produzidos por esses alunos surdos, respaldando as leituras já feitas com relação à produção escrita desses estudantes, mas é preciso se ter em mente que:

[...]o Português para o surdo é um processo de apropriação de segunda língua e com características semelhantes às dos ouvintes, respeitando as peculiaridades das modalidades das línguas envolvidas e as especificidades da surdez. Ressaltamos o fato de que os surdos serão sempre estrangeiros no uso do Português e que muitas de suas construções são próximas das de um falante não nativo. Isso se dá principalmente em relação ao uso de conectivos, preposições, conjunções e outros elementos colocados de forma inadequada por quem não tem vivência na língua. (BROCHADO, 2003, p. 322).

Diante dessas dificuldades na escrita do surdo, conforme ciado acima, entende-se que há necessidade de estudos e pesquisas sobre o processo de ensino-aprendizagem, bem como a análise da produção escrita desse estudante. Esta pesquisa visa trazer contribuições para essas reflexões, partindo de uma revisão bibliográfica. Para melhor compreensão do processo de pesquisa, a sessão a seguir trata dos caminhos metodológicos percorrido nesse estudo.

4. METODOLOGIA

O presente instrumento pretende a investigar, por meio de reflexões críticas, através da pesquisa básica, as dificuldades sobre o processo de ensino-aprendizagem da LP, por alunos surdos do ensino fundamental, e desta forma as consequências e entraves na sua escrita em português. Metodologicamente é uma pesquisa básica, com o objetivo de agregar um apanhado de informações, fundadas em diversas pesquisas acadêmicas, visando ampliar o conhecimento sobre esse tema, que possui poucas pesquisas, com foco no aprofundamento da teoria estudada e assim produzir aperfeiçoamento científico teórico no tema em questão.

Segundo Morel, (2023, p.39) “a pesquisa básica executada sem preocupações com aplicações práticas, mas que seria, na realidade, o marca-passo do progresso tecnológico, uma espécie de “dínamo remoto” do desenvolvimento.”.

Também será utilizada a pesquisa etnográfica, pois é necessária a participação do investigador como etnógrafo, de forma que ele está inserido na vida da própria comunidade com todas suas coisas essenciais e acidentais. O fator que confere valor científico a esta modalidade de pesquisa, depende do modo como é feita a descrição da cultura que se observa e que o pesquisador está diretamente inserido na cultura a ser retratada. A pesquisadora deste está inserida diretamente no grupo de pessoa surda, além de na infância ter sofrido imensa dificuldade na escrita da LP, de forma que a sua mãe sempre forçou a aprender escrever,

através da leitura de livros, de reforço em domicílio, até que na 5ª série (atual 6º ano do Fundamental). A professora de Português a incumbiu de escrever um texto, de qualquer tema, no entanto pode-se dizer que foi sem êxito porque a discente continuou tentando e treinando, 5 linhas, depois 10 linhas, 20 e assim sucessivamente.

A pesquisa etnográfica, pode fazer reconhecer e dar visibilidade pública e social a realidades multiculturais e identitárias, de forma a contrariar as práticas monoculturais dominantes de discriminação sociocultural e os preconceitos racistas, classistas ou sexistas.

Caria (2003) nos ensina que a etnografia possibilita a compreensão do objeto, a partir do viver dentro, numa vivência materializada no registro em diário de campo, a partir da observação participante.

O dentro e fora é fonte de conhecimento acrescido porque provoca uma tensão e uma ambiguidade na relação social de investigação que provoca o investigador a refletir sobre o inesperado. O investigador é um ator social que é reconhecido como componente nos saberes-pensar de fora, mas, ao mesmo tempo mostra ser incompetente nos saberes-fazer de dentro (CARIA, 2003, p.13).

4.1 Instrumentos

O presente estudo foi realizado a partir de pesquisas bibliográficas sobre ensino da Língua Portuguesa para surdos. Tratando-se de uma revisão de integrativa da literatura com análise dos artigos publicados nas bases de dados, no período entre o período de 1996 a 2023. Foram utilizados os descritores em português: Aprendizagem. Surdo. Dificuldades. Escrita. Língua Portuguesa. Libras. Foi adotado como método de abordagem o dedutivo, pois partiu-se de um tema já estudado a fim de aprofundá-lo. seguintes bases de dados: Scientific Electronic Library Online - SCIELO, Google Acadêmico e Repositórios das universidades Federais Brasileiras a partir de Teses, Dissertações e Trabalhos de conclusão de cursos, além de artigos sobre o tema abordado.

As publicações foram selecionadas seguindo os critérios de inclusão, os artigos incluídos foram: Artigos com disponibilidade de texto completo, publicado em periódicos nacionais, trabalho de conclusão de curso, capítulos livros, relatórios técnicos e científicos, leis, decretos e documentos ministeriais. E foram excluídos os estudos relatos de casos, revisões narrativas e documentos incompletos.

4.2 Procedimento de coleta de dados

De acordo com Rodrigues (2007), os métodos de pesquisa usualmente adotados para coleta de dados incluem técnica de elaboração e avaliação de entrevistas, observação, questionário contendo perguntas abertas, perguntas fechadas e de múltiplas escolhas e formulários, e estes são adotados pelo pesquisador baseado no tipo de pesquisa a ser realizada.

No entanto Fontelles (2009), afirma que os procedimentos técnicos adotados em pesquisa científica, refere-se a qual técnica utilizar para obter os resultados previstos e imprevistos no projeto, entre as técnicas mais comumente utilizadas pode-se destacar: a pesquisa bibliográfica na qual tecnicamente busca os resultados baseada em material já

publicado, como por exemplo, livros, periódicos, fotos, documentos, cartas etc. Conclui-se por pesquisa bibliográfica todo levantamento feito por qualquer meio referencial já pronto que possa proporcionar ao pesquisador conhecimentos relacionados ao enfoque abordado.

Esta revisão bibliográfica iniciou-se a partir da busca e posteriormente leitura dos artigos encontrados com as estratégias de busca (Quadro 1). Após isto, iniciou-se o processo de seleção visando a fundamentação teórica do objetivo do mesmo. Posteriormente à leitura e discussão dos trabalhos, uma análise foi realizada, para que por meio desta seja possível sintetizar reflexões sobre o objetivo aqui proposto.

Quadro 1: Estratégias de busca utilizadas

BASE DE DADOS	ESTRATÉGIA DE BUSCA (Palavras- chaves)	QUANTIDADE DE TRABALHOS DE CADA BASE DE DADOS
Scientific Electronic Library Online – SciELO	Educação inclusiva, deficiente auditivo, Métodos de ensino, pesquisa básica, surdez, aprendizagem de segunda língua, Aquisição da Linguagem, educação especial, identidade.	7
Google Acadêmico, academia.edu (livros, revistas e anais)	Surdez, Língua de Sinais, Oralismo, Bilingüismo, discriminação sociocultural, Educação de surdos, pedagogia visual, Português para surdo, identidade surda, Aquisição da Linguagem, LIBRAS, Desenvolvimento cognitivo, integração social, Legislação, pesquisa qualitativa, lei de Libras, Criança surda.	11
TCCs, Teses e Dissertações e Periódicos dos repositórios das UFs de vários estados do Brasil	Educação de surdos, Língua portuguesa escrita, criança surda, inclusão, surdez, Educação bilíngue, Métodos qualitativos, Etnografia, linguística do surdo, língua de Sinais, inclusão, ensino de Português como segunda língua para surdos.	9

4.2.1 Análise de dados

Após a leitura dos 27 manuscritos foi discutido com a orientadora, e destes foram selecionados 13 para compor esta obra, estudo sintetizado no Quadro 2. Os 13 artigos selecionados foram analisados de forma qualitativa. A partir de então, o conteúdo dos mesmos foi analisado e utilizado de forma a expressar coerência e coesão, a fim de atingir os

objetivos esperados, através dos principais autores que trataram do tema e referenciaram essa área de estudo em específicos.

Quadro 02. Modalidade de produções e os respectivos temas de trabalho.

Nº	AUTORES	TÍTULO DO TRABALHO/ LIVRO	CLASSIFICAÇÃO E ANO
1	Cláudia Alquati Bisol, Carla Beatriz Valentini, Janaina Lazzarotto Simioni, Jaqueline Zanichin.	Estudantes surdos no ensino superior: reflexões sobre a inclusão	Caderno de pesquisa, 2010
2	Fernando C. CAPOVILLA, Alessandra G. S. CAPOVILLA.	Educação da criança surda: o bilingüismo e o desafio da descontinuidade entre a língua de sinais e a escrita alfabética.	Revista, 2002
3	Telmo H. Caria	A construção etnográfica do conhecimento em Ciências Sociais: reflexividade e fronteiras	Livro, 2003
4	Osilene Maria de Sá e Silva da Cruz, Rosana Maria do Prado Meireles.	Produção textual escrita de graduandos surdos a partir de gêneros discursivos e de proposta de ensino bilíngue.	Livro, 2018
5	Casa Civil	Língua Brasileira de Sinais-Libras. Brasília.	Lei, 2002
6	Sônia Maria Dechandt Brochado.	A apropriação da escrita por crianças surdas usuárias da língua de sinais brasileira.	Tese, 2003
7	Ronice Müller Quadros	Educação de Surdos-Aquisição da Linguagem.	Revista, 1997
8	Ronice Müller de Quadros	Educação de surdos: efeitos de modalidade e práticas pedagógicas	Livro, 2004
9	Ronice Müller de Quadros, Magali L. P. Schmiedt.	Idéias para ensinar português para alunos surdos	Livro, 2006
10	Fernanda Beatriz Caricari de Moraes, Osilene Cruz, Carla Souza, Cleudes Alves, Rosani Brito.	Reflexões sobre os surdos no Enem 2017 e 2018 – novas conquistas e antigos debates	Revista, 2018
11	Luana de Sousa Queiroz, Juliana de Alcântara Silveira Rúbio	A Aquisição da Linguagem e a Integração Social: A LIBRAS como formadora da identidade do surdo	Revista, 2014
12	Zilda Maria Gesueli	Língua (gem) e identidade: a surdez em questão	Revista, 2006
13	Bruna Crescêncio neves	Educação bilíngue para surdos e as implicações para o aprendizado da língua portuguesa como segunda língua	Tese, 2017

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A linguagem é a característica peculiar que nos diferencia dos outros animais. Além de nos permitir a comunicação, o armazenamento e/ou transmissão de toda ordem de artefatos culturais, a linguagem é também parte configurante do sistema cognitivo humano. Além de caracterizar o homem, a linguagem é a responsável pela expressividade humana. Neste aspecto, a língua de sinais, apesar de ser manifestada visual-espacialmente, se constitui como língua de fato e seu status de língua natural é comprovado pela própria linguística que caracteriza uma língua com as propriedades de flexibilidade e versatilidade.

Essa visão, no entanto, é bastante recente, em relação aos estudos das línguas orais, visto que o histórico da educação dos surdos, fortemente marcado pela presença da oralidade no passado, que impregnou no pensamento da sociedade, a ideia que desconsidera e rejeita a língua de sinais como uma forma de expressão e comunicação dos surdos. A proposta de educação, que tem o sujeito surdo como um “deficiente auditivo” e, está embasada na “recuperação” deste sujeito.

No entanto, para o surdo há pouca, e para alguns nenhuma, possibilidade de adquirir a língua oral devido às suas limitações físicas, resta-lhe apreender a língua na modalidade escrita, para que, desta forma, possa interagir com a sociedade na qual está inserido. Porém, a produção da linguagem escrita exige do sujeito uma complexa tarefa cognitiva e, para os surdos, esta pode ser ainda mais trabalhosa. Isso se dá em razão de existirem muitas diferenças entre a estrutura linguística da língua portuguesa e da língua brasileira de sinais. Por esse motivo, ao construir um texto escrito, o aluno surdo apresenta em sua produção características de sua língua materna – a língua de sinais – transpondo as características estruturais da mesma.

Diante das muitas dificuldades observadas nas produções textuais desses alunos, entende-se que é de fundamental importância que haja, na sala de aula, um professor que conheça a língua brasileira de sinais, de maneira que a Língua Portuguesa seja trabalhada de modo a permitir que o aluno surdo desenvolva sua língua primeira, a Língua Brasileira de Sinais e, que a aquisição da segunda na modalidade escrita, de forma confortável e agradável.

Esse método educacional é de relevância, pois propõe, antes de mais nada, o respeito ao surdo e à sua língua materna. Porém, muitas famílias, resistem e atenuam a importância da aquisição da língua de sinais para ensinar filhos surdos dificultando a integração entre surdos e ouvintes. Assim, é possível perceber que ainda há muitos caminhos a serem percorridos para alcançar mudanças significativas no que concerne aos direitos não só sociais, mas também linguísticos e educacionais dos sujeitos surdos e que alternativas para reverter esse quadro de exclusão e indiferenças devem ser tomadas a fim de que os surdos sejam respeitados enquanto cidadãos. Todavia, sem dúvida, a convivência com a diversidade possibilita, ao preconceituoso, a ressignificação de si diante do outro, abrindo espaços de transformação e de criatividade.

No entanto, a inclusão de um intérprete de Libras requer uma profunda reflexão sobre as responsabilidades e o papel do professor e da instituição formadora como um todo. Embora a leitura e a escrita tenham sido discutidas neste artigo, estamos muito longe de abarcar todos os aspectos relacionados aos impactos causados por tais danos. Por exemplo, não foi mencionado a respeito de provas e trabalhos, ou seja, da avaliação.

Levando em consideração uma avaliação levando em conta as diferenças em termos de acessibilidade e comunicação e, ao mesmo tempo, observando os critérios mínimos estabelecidos para a formação superior quanto ao desenvolvimento de habilidades e competências é mais complexo ainda. Esta questão deve merecer atenção em trabalhos futuros.

Acredita-se que há muito o que investigar sobre os processos de ensino e aprendizagem da Libras e do português nos anos iniciais, pois, ainda há, inúmeras lacunas sobre a prática de ensino e aprendizagem paralela de duas línguas de modalidades diferentes,

sobre a atuação do pedagogo bilíngue em parceria com o professor de Língua Portuguesa para surdos nos anos iniciais do Ensino Fundamental numa modalidade de Educação Bilíngue, além de várias outras questões.

Visto isto, o presente Trabalho de Conclusão de Curso expõe os desafios, provoca reflexões e inspira novas pesquisas nesse âmbito, que é tão pouco abordado e aplicado nas escolas municipais brasileiras.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BISOL, C. A., Valentini, C. B., Simioni, J. L., & Zanchin, J. Estudantes surdos no ensino superior: reflexões sobre a inclusão. **Cadernos de Pesquisa**, v. 40, p. 147-172. 2010.

CAPOVILLA, Fernando C.; CAPOVILLA, Alessandra GS. Educação da criança surda: o bilinguismo e o desafio da descontinuidade entre a língua de sinais e a escrita alfabética. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 8, n. 02, p. 127-156, 2002.

CARIA, Telmo. A construção etnográfica do conhecimento em Ciências Sociais: reflexividade e fronteiras. **Experiência etnográfica em ciências sociais**, p. 9-20, 2003.

CRUZ, O. M. de S. e S. da; MEIRELES, R. M. do P. Produção textual escrita de graduandos surdos a partir de gêneros discursivos e de proposta de ensino bilíngue. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 7, n. 3, p. 188 - 207, set./dez. 2018.

BROCHADO, Sônia Maria Dechandt. A apropriação da escrita por crianças surdas usuárias da língua de sinais brasileira. 2003. 431 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2003.

DE QUADROS, Ronice Müller. Educação de Surdos–Aquisição da Linguagem. 1ª. **Edição. Porto Alegre**, 1997.

DE QUADROS, Drª Ronice Müller. Educação de surdos: efeitos de modalidade e práticas pedagógicas. 2004.

DE QUADROS, Ronice Müller; SCHMIEDT, Magali LP. Ideias para ensinar português para alunos surdos. **Brasília: Mec, SEESP**, 2006.

DE QUADROS, Ronice Müller. **Língua de herança: língua brasileira de sinais**. Penso Editora, 2017.

DE MORAIS, Fernanda Beatriz Caricari et al. Reflexões sobre os surdos no Enem 2017 e 2018–novas conquistas e antigos debates. **Revista e-escrita: Revista do Curso de Letras da UNIABEU**, v. 10, n. 2, p. 137-150, 2019.

DE SOUSA QUEIROZ, Luana; RÚBIO, Juliana de Alcântara Silveira. A Aquisição da Linguagem e a Integração Social: A LIBRAS como formadora da identidade do surdo. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**. V. 5., Nº 1. 2014.

GESUELI, Zilda Maria. Lingua (gem) e identidade: a surdez em questão. *Educação & Sociedade*, v. 27, p. 277-292, 2006.

LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. – 5. ed. – Brasília, DF: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 60p. 2021.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. *Em Aberto*, v. 5, n. 31, 1986.

NEVES, Bruna Crescêncio et al. Educação bilíngue para surdos e as implicações para o aprendizado da Língua Portuguesa como segunda língua. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis. 2017.

DE OLIVEIRA, Angela Lemos. A ESCRITA DO SUJEITO SURDO: REFLEXOS DA ORALIDADE EM “SINAIS”. **Seminário Nacional e Seminário Internacional Políticas Públicas, Gestão e Práxis Educacional**, v. 7, n. 7, 2019.

PEREIRA, Maria Cristina da Cunha. O ensino de português como segunda língua para surdos: princípios teóricos e metodológicos. *Educ. Rev.*, Curitiba , n. numeroesp02, p. 143-157, ago. 2014 .

RODRIGUES, W. C. Metodologia Científica. FAETEC/IST. Paracambi. **followscience.com/content/231779/metodologia-cientifica**, 2007.

SKLIAR, Carlos. A localização política da educação bilíngue para surdos. *Atualidade da educação bilíngüe para surdos*, v. 1, p. 7-14, 1999.

SILVA, Simone Gonçalves de Lima da. Consequências da aquisição tardia da língua brasileira de sinais na compreensão leitora da língua portuguesa, como segunda língua, em sujeitos surdos. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 21, p. 275-288, 2015.

SILVA, Wesley Fernando da. Ensino do Português como Segunda Língua para os Surdos. Graduação, Curso de Licenciatura em Pedagogia Bilíngue (Libras-Português) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina - IFSC - Câmpus Palhoça Bilíngue. 2021.

VIROLE, B. Adolescence et surdit . 2005. Retrieved on May 1, 2015. 2005.

WELTER, Gabriela; VIDOR, Deisi Cristina Gollo Marques; CRUZ, Carina Rebello. Intervenções e Metodologias empregadas no ensino da escrita e leitura de indivíduos surdos: revisão de literatura. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 21, p. 459-470, 2015.